



A INTERFERÊNCIA DE COGNATOS E FALSOS COGNATOS NO TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA POR ALUNOS VENEZUELANOS

LA INTERFERENCIA DE COGNADOS Y FALSOS COGNADOS EN EL TEXTO EN LENGUA PORTUGUESA POR ALUMNOS VENEZOLANOS

Francisca Taislany Silva Sousa¹

Jairzinho Rabelo²

RESUMO: O presente trabalho trata da interferência de cognatos e falsos cognatos no texto em língua portuguesa por alunos venezuelanos. Observando a grande procura de estrangeiros por cursos de português, bem como a confusão de palavras na comunicação entre brasileiros e venezuelanos, surgiu a ideia de entrar nesse ambiente, pesquisar e responder à seguinte pergunta: como os cognatos e os falsos cognatos podem interferir nas produções escritas dos alunos imigrantes? Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar a interferência de cognatos e falsos cognatos na produção textual em língua portuguesa por alunos venezuelanos, e como objetivos específicos: identificar a presença de cognatos e falsos cognatos nas produções textuais em língua portuguesa de alunos venezuelanos; mostrar em qual nível de dificuldade essas palavras estão inseridas; e apresentar os significados dessas palavras em português e em espanhol. Para alcançarmos esses objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, da qual foram extraídos conceitos sobre LE, L2, aprendizagem e aquisição de línguas, ensino de português para estrangeiros e/ou imigrantes, e o significado de cognatos e falsos cognatos, bem como em quais níveis eles ocorrem. E também uma pesquisa de campo, a qual foi realizada no curso PLAc-Uerr, no segundo semestre de 2018, onde foram produzidos alguns textos, dos quais foram analisadas as interferências por cognatos e falsos cognatos, com base nas análises contrastiva e qualitativa. A maioria dos casos observados se dá nos níveis lexical, morfosintático e fonético-fonológico e acontecem porque os aprendizes transferem negativamente as regras da sua língua para a que está aprendendo.

Palavras-chave: Cognatos, Língua Espanhola, Língua Portuguesa, Imigrantes.

RESUMEN: El presente trabajo trata de la interferencia de cognados y falsos cognados en el texto en lengua portuguesa por alumnos venezolanos. Observando la gran procura de extranjeros por cursos de portugués, bien como la confusión de palabras en la comunicación entre brasileños y venezolanos, surgió la idea de entrar en ese ambiente, investigar y responder a la siguiente pregunta: ¿cómo los cognados y los falsos cognados pueden interferir en las producciones escritas de los alumnos inmigrantes? Así, este trabajo tiene como objetivo general analizar la interferencia de los cognados y falsos cognados en la producción textual en lengua portuguesa por alumnos venezolanos, y como objetivos específicos: identificar la presencia de cognados y falsos cognados en las producciones textuales en lengua portuguesa de alumnos venezolanos; mostrar en cual nivel de dificultad esas palabras están inseridas; y presentar los significados de esas palabras en portugués y en español. Para alcanzar esos objetivos, realizamos una investigación bibliográfica, de la cual fueron extraídos conceptos sobre LE, L2, aprendizaje y adquisición de lenguas, enseñanza de portugués para extranjeros y/o emigrantes, y el significado de cognados y falsos cognados, bien como en cuales niveles ocurren. Y también una investigación de campo, la cual fue realizada en el curso PLAc-Uerr, en el segundo semestre de 2018, donde fueron producidos algunos textos, de los cuales fueron analizadas las interferencias por cognados y falsos cognados, con base en los análisis contrastiva y cualitativa. La mayoría de los casos observados se da en los niveles lexical, morfosintático y fonético-fonológico, y ocurren porque los aprendices transfieren negativamente las reglas de su lengua para la que está aprendiendo.

Palabras clave: Cognados. Lengua Española. Lengua Portuguesa. Inmigrantes.

1 Graduada em Letras/Espanhol (IFRR), Especialista em Ensino de Línguas em Contexto de Diversidade Linguística (UERR).

2 Mestre em Letras (UFRR), Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara) e professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR).



INTRODUÇÃO

Aprender uma nova língua é um desafio constante, dentro da sala de aula aprendemos a estrutura da língua e como usá-la, fora de sala colocamos em prática o que aprendemos em diversas situações. Quando a língua estudada faz parte do mesmo tronco linguístico que nossa língua materna, como é o caso da língua espanhola e da língua portuguesa, os desafios aumentam, pois o que parece “fácil” na verdade é o que traz mais problemas e, de certa forma, dificulta a comunicação.

Os cognatos e os falsos cognatos (também chamados de falsos amigos) são parte desses problemas, pois se tratam de semelhanças ou diferenças, seja na forma escrita ou de pronúncia das palavras, como por exemplo, as palavras dormir e tomar existem em português e em espanhol, portanto são consideradas cognatos verdadeiros, pois se assemelham na escrita, na pronúncia e no significado em ambas as línguas. Já a palavra tapa tem a mesma escrita em português e em espanhol, mas na primeira língua significa golpear com a mão e na outra significa tampa (de panela...); as palavras taller e talher têm a pronúncia parecida, mas em espanhol significa oficina e em português, utensílios usados para facilitar o ato de se alimentar, sendo assim são falsos cognatos. Existem inúmeros exemplos para demonstrar como essas semelhanças e diferenças podem interferir de alguma forma na comunicação, seja na modalidade falada ou escrita.

Observando a grande procura de estrangeiros por cursos de português na cidade de Boa Vista, bem como a confusão de palavras na comunicação entre brasileiros e venezuelanos, surgiu a ideia de entrar nesse ambiente, pesquisar e responder à seguinte pergunta: como os cognatos e os falsos cognatos podem interferir nas produções escritas dos alunos imigrantes? Com isso,

esse trabalho tem como objetivo geral analisar a interferência de cognatos e falsos cognatos na produção textual em língua portuguesa por alunos venezuelanos.

Para chegar a esse objetivo, foram pautados três objetivos específicos, a saber: identificar a presença de cognatos e falsos cognatos nas produções textuais em língua portuguesa de alunos venezuelanos; mostrar em qual nível de dificuldade essas palavras estão inseridas; e apresentar os significados dessas palavras em português e em espanhol. Para isto, foram desenvolvidas algumas atividades de produção escrita, as quais foram aplicadas na turma do curso de Português como Língua de acolhimento (PLAc), ofertado pela Universidade Estadual de Roraima, no segundo semestre do ano de 2018. A realização dessas atividades permitiu um melhor entendimento de como se desenvolve o ensino de português para imigrantes, bem como a produção textual para este público. Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica com análises contrastiva e qualitativa.

O trabalho está dividido da seguinte forma: inicialmente trazemos alguns conceitos a respeito de língua estrangeira (LE) e segunda língua (L2) e a relação destas com aprendizagem ou aquisição, conforme Baralo (1999), Santos Gargallo (1999) e Zambrano (2018), apresentando como exemplo o caso dos imigrantes venezuelanos que vieram para o Brasil por causa da crise, a partir do relato de Zambrano (2018) e ideias de Santos Silva (2009), bem como a distinção entre os cursos de Português para Estrangeiros e Português como Língua de Acolhimento da Universidade Estadual de Roraima, que vai muito além da mudança de nomenclatura e de cenário. Em seguida, tratamos dos cognatos e falsos cognatos (também chamados de falsos amigos), mostrando o que são e em quais níveis ocorrem, para isto, trazemos algumas definições dadas por



Sabino (2006), Silva (2013) e Andrade Neta (2006), tratamos do fenômeno de interferência segundo Mota (2014), entre outros. Na metodologia, por se tratar também de uma pesquisa de campo, além de bibliográfica, apresentamos o ambiente da pesquisa, bem como os participantes e os procedimentos utilizados para a realização deste trabalho. Foi realizada uma análise contrastiva dos trechos recortados, na qual mostramos os cognatos e os falsos cognatos, os níveis em que eles estão inseridos, bem como o significado dessas palavras em português e em espanhol, verificando as interferências que eles causaram nas produções escritas. Por fim, fazemos uma breve discussão a respeito dos dados analisados concluindo esta pesquisa.

ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE LÍNGUA ESTRANGEIRA, SEGUNDA LÍNGUA, COGNATOS E FALSOS COGNATOS LP/LE

LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE) E SEGUNDA LÍNGUA (L2): APRENDIZAGEM OU AQUISIÇÃO?

A língua estrangeira é definida por Baralo (1999) como a língua que aprendemos contando com o apoio de uma instituição, na qual somos ensinados a aplicar as regras gramaticais da língua em questão e, fora desse contexto, não temos a interação social com nativos dessa língua. Quanto a segunda língua (L2), ainda segundo Baralo, ela pode ser aprendida em comunidades em que os dois sistemas linguísticos estejam em contato, de forma natural, sem esforços, neste processo seria como se estivéssemos adquirindo uma língua materna (LM) (p.22). É possível notar que para aprendermos tanto uma LE quanto uma L2 temos dois processos diferentes: aprendizagem e aquisição.

A aprendizagem, segundo Santos Gargallo (1999), refere-se ao caso de pessoas que internalizam o funcionamento de uma

língua a partir um programa de instrução formal transmitido por uma instituição educativa ou similar. Já a aquisição, de acordo com a autora, trata-se do caso de pessoas que internalizam o funcionamento da língua sem apoio institucional, por mera exposição natural à língua e a interação com os habitantes nativos. Assim, percebemos que na LE os aprendizes contam com a instituição, material didático elaborado para cada nível de aprendizagem e, na maioria das vezes, os professores não são nativos da língua estrangeira, eles apenas aprenderam também em instituições e, em alguns casos, estiveram em contato com a língua por determinado tempo por meio de intercâmbio etc. Quanto à L2 temos indivíduos que já dispõem de um conhecimento e competências linguísticas a partir da língua materna (LM) e com esse conteúdo já internalizado eles aprendem a L2, sendo que neste caso as duas línguas estão em contato. Nesse sentido, podemos inferir que a LE é aprendida, ao passo que a L2 está voltada para a aquisição.

Trazendo essa noção para o contexto desta pesquisa, a fronteira Brasil-Venezuela, Zambrano (2018) caracteriza a língua portuguesa como a L2 de várias pessoas nesse cenário, pois, segundo ela, “a interação e contato entre as duas línguas é visível na educação, saúde, comércio, cultura, dentre outras áreas” (p.900). Anteriormente, venezuelanos tinham contato com a língua portuguesa no município fronteiro de Pacaraima-RR (a 15km da cidade de Santa Elena de Uairén-VEN), onde participavam das aulas de português e das atividades culturais promovidas pela universidade e, além disso, fora da sala de aula havia a interação social por meio do comércio naquela região, que era muito movimentado por brasileiros e venezuelanos. A partir da forte crise instaurada na Venezuela, que teve início em 2015, milhares de pessoas se viram obrigadas a deixarem seu país e adentrarem



no Brasil, num movimento de imigração forçada, tendo que aprender a língua portuguesa somente a partir do contato social, lidando com diversas adversidades linguísticas, econômicas e sociais, a esse respeito Zambrando (2018) explica que neste caso ainda se trata de uma L2, pois é a partir desta que é estabelecida a comunicação entre brasileiros e imigrantes.

Com a vinda desses imigrantes para a cidade de Boa Vista, capital de Roraima, intensificou-se a oferta de cursos de português como língua estrangeira (PLE), que anteriormente era ofertado somente para alunos de outros países e contava com todo um programa a ser cumprido. Mas a partir do cenário da imigração, foi criado o curso de português como língua de acolhimento (PLAc), trazendo uma nova modalidade de ensino, adequada à realidade desse público.

O Português como Língua de Acolhimento (PLAc), segundo Costa e Taño (2017), “se refere à aprendizagem de língua não materna em contexto migratório, cujo principal fim é a integração à sociedade de acolhimento” (p.06), dessa forma, a grande preocupação não está tanto nos conteúdos e materiais, mas em fazer com que esses alunos se sintam acolhidos pela nova cultura em que se inseriram, levando em consideração as adversidades presentes. Quanto a isso, várias adequações foram feitas para atender esse público, conforme Zambrano (2018, p.906), houve a flexibilização do horário de chegada nas aulas, por conta da falta de transporte, o material didático passou a ser preparado pelas monitoras e professora da turma e o objetivo do curso era atingir pelo menos o nível básico, apenas para que os alunos pudessem saber se comunicar no mundo fora da sala de aula.

Observando os dois ambientes e públicos, é notável a enorme diferença entre um curso e outro. Quando se fala em PLE, temos a

realização de atividades dinâmicas em seu tempo proposto, alunos com condições emocionais e econômicas de se manterem no curso, materiais didáticos fixos e todo um ambiente que propicia ao aluno uma aprendizagem eficaz da língua portuguesa. Quanto ao PLAc, nos deparamos com uma realidade totalmente distinta, um público que vive em constante pressão, em que a língua é uma questão de sobrevivência.

COGNATOS E FALSOS COGNATOS: O QUE SÃO E COMO PODEM INTERFERIR NA AQUISIÇÃO DA NOVA LÍNGUA

A palavra cognato vem do latim *cognatu* (*cum* = com, *natus* = nato), que significa nascido junto, consanguíneo. De acordo com o dicionário Aurélio, “diz-se de, ou vocábulo que tem raiz comum com outro(s)”, por exemplo, as palavras “belo”, “beleza” e “embelezar” são cognatas. Vemos que as três palavras citadas, além de possuírem a mesma raiz, também estão dentro da mesma linha de significado, assim podem ser chamadas cognatas verdadeiras. Os cognatos também atuam de uma língua para outra, por exemplo, as palavras “sal”, “comer”, “beber” “dia” têm escrita e pronúncia semelhantes e significados iguais no português e no espanhol.

Conforme explicam Dutra; Fedrigo; Quirino (2013 apud ANDRADE NETA, 2006), os falsos cognatos ocorrem no nível léxico, nível morfossintático, nível gráfico e ortográfico e nível fonético-fonológico. A partir da explicação da autora, expomos a seguir uma breve exemplificação dessas ocorrências, mas considerando o falante venezuelano aprendiz de português:

No nível do léxico, temos muitas divergências quanto aos vocábulos heterotônicos, heterogênicos e heterossemânticos. Quanto aos primeiros, são vocábulos idênticos ou semelhantes na grafia ou forma fônica, possuem significado



igual ou semelhante no português e no espanhol, mas se diferenciam na tonicidade, por exemplo: democracia (port.) e democracia (esp.) / burocrata e burócrata / hemorragia e hemorrágia, etc. No que se refere aos heterogênicos, temos vocábulos que se assemelham na grafia e no significado, mas mudam de gênero de uma língua para a outra, exemplo: o sangue / la sangre, a paisagem / el paisaje, a fome / el hambre. E, quanto aos heterossemânticos, são vocábulos que possuem grafia e pronúncia semelhantes em português e em espanhol, mas seus significados são diferentes: apagar em português significa desligar e em espanhol, borrar; beca, em português significa toga, em espanhol, bolsa de estudos.

No nível morfossintático, que é a parte que “estuda o conjunto de elementos e regras que permitem construir orações, dividindo-se em morfologia e sintaxe, no qual a morfologia estuda a relação que se estabelece entre as unidades mínimas que formam as palavras (morfemas) e a sintaxe estuda os componentes que aparecem na oração” (DUTRA; FEDRIGO; QUIRINO, 2013, p.6) e, sendo assim, estuda como as palavras se organizam e se combinam para formar as orações, temos, por exemplo: o uso do artigo “o” no início da frase, em vez de a preposição “no”. Assim, é comum ver um aprendiz de português dizer “o dia seguinte chegaram à casa de seus pais” (no dia seguinte chegaram à casa de seus pais), pois em espanhol a frase seria “el día siguiente llegaron a la casa de sus padres”, essa transferência negativa ocorre porque a tradução de “el” em português é “o”, no entanto, tal colocação em português se torna agramatical.

No nível gráfico ortográfico, temos o caso das letras “e” e “o”, que em português existem dois acentos para diferenciar a tonicidade: com acento agudo para sons

abertos (é / ó): café / escritório; e acento circunflexo para sons fechados (ê / ô): pêssego / vovô. Em espanhol existe apenas um acento (agudo = tilde), mas mesmo assim a tonicidade permanece fechada, por exemplo: eléctrico (elétrico) / sótano (cave). Dutra; Fedrigo; Quirino (2013) ainda tratam de outros casos perceptíveis nesse nível, o caso das letras do alfabeto espanhol (che, ll, ñ e rr) que se assemelham aos dígrafos em português (ch, lh, nh e rr), bem como a separação silábica do dígrafo “rr”, que em português separa-se (car-ro) e em espanhol, não (ca-rro).

Por fim, grande parte das ocorrências, segundo os autores, se dá no nível fonético-fonológico, no qual encontramos, além da diferença entre os sons vocálicos, como anteriormente foi dito, casos como: as letras “v” e “b”, as quais em espanhol se tornam bilabiais e em português possuem som diferenciado para ambas; as letras “g” e “j”, que possuem som diferenciado em espanhol (fricativa velar surda) diante das vogais “e” e “i”; a letra “L”, que em português se converte em “u”, em espanhol se pronuncia como lateral alveolar sonora; entre outros casos.

Já os falsos cognatos são, de acordo com Sabino (2006, p. 252), palavras que possuem a mesma origem etimológica, mas que com o passar do tempo sofreram evoluções semânticas e adquiriram significados distintos, isto é, são palavras que se assemelham na escrita ou na sonoridade, mas possuem significados diferentes e ocorrem com maior frequência entre línguas que possuem o mesmo tronco linguístico, como é o caso do português e do espanhol.

Outro termo comumente utilizado para este fenômeno é falsos amigos, no entanto, esta expressão seria atribuída às palavras que se assemelham na etimologia e na forma, mas que possuem sentido parcial ou totalmente diferente. Dessa forma, conforme



Sabino (2006, p. 254), por ser considerado aqui o fator etimológico, o que nos leva à ideia de cognato, é possível explicar o porquê de se usar as duas nomenclaturas para explicar o mesmo fenômeno. Ela diz que

Como a etimologia se refere à origem das palavras e considerando que as palavras que têm a mesma etimologia são cognatas (ou nascidas juntas), provavelmente seja essa uma possível resposta para o fato de posteriormente se atribuir o nome de falsos cognatos às palavras semelhantes na forma, mas diferentes quanto aos sentidos. (SABINO, 2006, p. 04)

Sabino acrescenta ainda que os falsos cognatos e falsos amigos são designados por muitos autores como sendo o mesmo fenômeno ou processo, embora não sejam, uma vez que falsos amigos contêm vários sentidos conotativos por causa do termo “amigo” e o termo “cognato” faça menção à história da língua. Deste modo, percebemos que ao tentar utilizar os dois termos como sinônimos podemos estar cometendo um equívoco, mas na verdade não. Silva (2013) observa que, mesmo com certa semelhança na definição desses termos, o fato é que o problema deles reside em um só: no significado. Isto é, “podem ter origem igual, podem ter origem diferente, podem ser semelhantes na escrita ou na fonética, mas o significado é diferente em cada língua” (p.29), assim, não importa a nomenclatura quando tanto uma quanto a outra tratam do mesmo elemento.

Ademais das definições e diferenciações atribuídas aos termos, há um conceito atrelado ao fenômeno em si, que é a interferência linguística. Mota (2014, p.38 apud MENÉNDEZ; MENÉNDEZ, 2003, p.67-68) explica que a interferência é definida “como processo e resultado que ocasionam a presença de unidades de um dado sistema linguístico, bem como estruturas de outro sistema, reconfigurando estruturas nos níveis fonológico, morfológico e sintático” e tal fenômeno deve

ser compreendido a partir do contato entre línguas, conforme o autor, no que tange à fala, são observados fatores como percepção da outra língua e do empréstimo; quanto à língua há a integração fônica, gramatical, semântica e estilística dos elementos inseridos nela.

Silva (2013, p.30) explica que a interferência geralmente acontece nos níveis iniciais, quando o aprendiz ainda não possui um bom vocabulário na nova língua e recorre a uma tradução simultânea a partir do conhecimento adquirido na língua materna, isso ocorre principalmente quando as línguas são muito próximas, como é o caso do português e do espanhol. A interferência, de acordo com Schütz (2018), é o fator principal da interlíngua, esta, por sua vez, trata-se do sistema de transição que o aluno cria durante o processo de adquirir uma língua estrangeira. Nisso, citando como exemplo os alunos imigrantes venezuelanos, até que eles tenham alcançado um alto nível de compreensão no português, sua língua materna vai interferindo na aprendizagem.

Mas ocorre que muitas vezes, conforme Ferreira (2002, p.142) coloca, “o falante de espanhol não supera essa fase inicial da interlíngua porque ela satisfaz suas necessidades imediatas de comunicação” e assim ocorrem muitas transferências negativas tanto da língua materna quanto da própria interlíngua, levando à fossilização, a qual é definida pela autora “como o nível estacionário da interlíngua”, ou seja, nesse estágio o aprendiz não progride na aprendizagem da nova língua e não consegue distinguir entre o sistema da LM e o da LE. Um exemplo comum de fossilização é o chamado portunhol, que ocorre quando falantes do português e do espanhol, ao tentarem falar esse ou aquele idioma e não saberem determinados termos inserem o mais conveniente que surgir na mente, por exemplo, um brasileiro falando “un pueco”



que seria “un poco” em espanhol, ou “despois” na tentativa de pronunciar “después” ou um hispano falante dizendo “vou cheiar o copo” em vez de “vou encher o copo”.

Em relação aos falsos cognatos, existe um quadro vasto de situações que causam interferências na comunicação, por exemplo, se um brasileiro diz a um venezuelano “o João ficou embaraçado”, certamente o falante do espanhol ficará surpreso e sem entender o que o outro quis dizer, pois a palavra “embarazar” no espanhol significa engravidar. Por outro lado, se um venezuelano diz a um brasileiro “este vaso está lleno de grasa”, o falante de português entenderá “graça” e, certamente, achará sem sentido que um vaso (de plantas) esteja rindo, e acabará concluindo que possa ser uma metáfora, quando na verdade “vaso” significa copo e “grasa”, gordura. Os exemplos são inúmeros, para ilustrarmos alguns casos apresentamos abaixo uma tabela³ com os falsos cognatos mais comuns e

que mesmo sendo tão frequentes, ainda causam confusões na comunicação:

É importante destacar que essas diferenças muitas vezes são confundidas por aprendizes tanto de português quanto de espanhol por causa da proximidade entre essas línguas, fazendo-os adotarem regras do seu idioma ao outro que está sendo aprendido, mas posteriormente, ao passo que vão compreendendo a língua, descobrem que nem todas as regras se aplicam a determinados casos e contextos.

METODOLOGIA

Para construirmos este trabalho utilizamos como corpus seis textos produzidos por alunos venezuelanos aprendizes de português do curso de Português como Língua de Acolhimento da Universidade Estadual de Roraima (PLAc-UERR), do segundo semestre do ano de 2018. Estes textos foram utilizados para analisarmos a interferência de cognatos e falsos cognatos em produções escritas.

Esta é uma pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza descritiva. A pesquisa de campo se caracteriza assim pelo fato de os dados e demais informações serem extraídos da realidade do objeto de estudo que propõe o trabalho. Sua natureza é descritiva por se tratar de um assunto já conhecido pelo meio acadêmico, embora não haja tantos trabalhos realizados sobre esse aspecto, o que serve de motivação para a realização desta pesquisa, a qual servirá para futuras produções nos cursos de Letras.

Na sequência, traçamos o percurso da nossa pesquisa, falando sobre o PLAc na Uerr, mostrando o perfil dos alunos e os procedimentos adotados para a realização deste trabalho.

O CURSO⁴ DE PORTUGUÊS COMO

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Aceitar	Aceptar	Aceitar	Lubrificar
Aceite	Aceptado	Aceite	Azeite
Acordar	Despertar	Acordar	Lembrar-se
Apagar	Borrar	Apagar	Desligar
Apelido	Sobrenombre	Apellido	Apelido
Bolsa	Cartera, monedero	Bolsa	Sacola
Borracha	Goma	Borracha	Bêbada
Cachorro	Perro	Cachorro	Filhote
Copo	Vaso	Copo	Floco (neve)
Direção	Dirección	Dirección	Endereço
Escritório	Oficina	Escritorio	Escrivania
Fechar	Cerrar	Fechar	Datar
Guitarra	Guitarra portuguesa	Guitarra	Viola
Jornal	Periódico	Jornal	Jorna, salário
Ligar	Encender / llamar (teléfono)	Ligar	Unir
Mas	Pero	Más	Mais
Ninho	Nido	Niño	Menino
Padre	Párroco	Padre	Pai
Presunto	Jamón serrano	Presunto	Suposto, presumível
Osso	Hueso	Oso	Urso
Taça	Copa	Taza	Xícara

³ Fonte: http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha47_lista_pt.pdf

⁴ Informações obtidas em: ZAMBRANO (2018); e através de observações no período citado.



LÍNGUA DE ACOLHIMENTO DA UERR

O trabalho foi desenvolvido na Universidade Estadual de Roraima, no Campus Boa Vista, onde funciona o curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), o qual é coordenado pela professora Mestre Cora Elena Gonzalo Zambrano. A Universidade Estadual de Roraima oferta cursos para estrangeiros desde 2006, os quais eram realizados no Campus Pacaraima, no município de mesmo nome que faz fronteira com a Venezuela. O curso possuía outra nomenclatura: Português para Estrangeiros.

Em 2017, o curso de Português para Estrangeiros chegou ao fim por causa do fechamento do campus Pacaraima. Com o cenário de crise, os imigrantes venezuelanos que vieram para Roraima precisavam aprender o português para melhor se comunicarem e com isto conseguirem melhores formas para sobreviver, por causa dessa necessidade foi aberto, em 2018, o curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc).

As aulas do curso em Boa Vista aconteciam inicialmente na Escola Estadual Gonçalves Dias, local que servia de extensão do campus, por ser nas proximidades, depois foi transferido para a sala 14, no prédio da universidade. Durante o segundo semestre de 2018, período de realização deste trabalho, a turma serviu para o desenvolvimento de trabalhos de alunas da graduação em Letras e da pós-graduação (Especialização em Ensino de Línguas em Contexto de Diversidade Linguística) da UERR, as quais se revezavam para aplicar suas atividades com a turma, proporcionando aos alunos imigrantes diferentes experiências de aprendizagem da Língua Portuguesa.

OS ALUNOS⁵ DO PLAC-UERR 2018.2

A turma do curso de Português como Língua de Acolhimento do segundo semestre

de 2018 era composta inicialmente por 20 alunos venezuelanos, no entanto, devido às condições esse número reduziu bastante, terminando com apenas 6 alunos. Os motivos para essa redução são variados, pois como esses alunos se encontravam em situação precária no Brasil, eles passavam por jornadas de trabalho muito árduas, o que os deixavam bastante cansados mental e fisicamente e muitas vezes sem condições de frequentarem as aulas, fazendo com que desanimassem em continuar o curso.

A faixa etária desta turma era a partir de 30 anos, com exceção de um aluno de 17 anos, sendo a maioria homens. Eram pessoas de cidades diferentes da Venezuela, como Tigre, Estado Guárico, a maioria era de Porto Ordaz. Todos estavam no Brasil entre 8 e 11 meses e possuíam um bom nível de fala e compreensão em Língua Portuguesa. Eles atuavam em diversas profissões: eletricitista, escritor, manobrista em supermercado, empregada doméstica, funcionários de distribuidora de alimentos e bebidas, e manicure, mas além dessas profissões eles também se dispunham a realizar qualquer outro trabalho digno para ganhar dinheiro e mandar para seus familiares que ficaram na Venezuela. Uma vez em seu país de origem, essas pessoas trabalhavam com advocacia, construção civil, administração, professor, guia turístico e várias outras atribuições, ou seja, possuíam um bom padrão de vida naquele país e na situação atual se submetem a trabalhos que antes não se imaginavam fazendo.

Com relação ao estudo da Língua Portuguesa, desde que chegaram ao Brasil o intuito principal dessa aprendizagem é se comunicar bem no idioma para falar com os brasileiros, desenvolverem suas atividades laborais e adquirirem mais conhecimento dessa língua. Todos consideravam ter um nível regular de desempenho na língua e

⁵ As informações foram obtidas por meio de questionário.



viram no curso (PLAc) a oportunidade de aprenderem mais aspectos da escrita e principalmente da fala, por ser a mais utilizada por eles no dia a dia.

INSTRUMENTOS DE COLETA E PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a coleta dos dados desta pesquisa, foram utilizadas produções textuais de seis alunos do PLAc, sendo um conto criado cada por cada um, com o tema escolhido por eles mesmos. A escolha pelo PLAc-UERR se deu pelo fato de que era um dos poucos cursos de português para imigrantes na cidade, por ser, muito mais que antes, um ambiente multilíngue e pelo interesse em saber como eram as aulas voltadas para este público na prática, uma vez que havia apenas a aprendizagem teórica a respeito de português para estrangeiros. E a escolha pela turma de produção textual se deu pelo interesse em saber como as atividades escritas eram desenvolvidas para este público.

As aulas no curso de Português como Língua de Acolhimento, nas quais foram aplicadas as atividades para a coleta de dados, aconteceram de agosto a outubro de 2018, elas ocorriam uma vez por semana, às quintas-feiras, no horário das 18h às 22h, sendo dada aos alunos uma tolerância de uma hora, por motivos de locomoção.

Foram dadas cinco aulas, nestas prezou-se pela abordagem comunicativa, na qual, de acordo com Almeida Filho (2014, p.6), busca-se uma aprendizagem interativa e sem engessamentos na gramática, isto é, a gramática não deixa de ser estudada, apenas passa a ser vista de forma mais concreta, de acordo com as situações de uso para que assim o aluno construa uma melhor competência na língua.

Na primeira aula foi apresentado aos alunos o conteúdo sobre variação lingüística, abordando sobre alguns regionalismos,

sotaques e gírias das regiões do Brasil, além de fatores como clima e costumes, em especial de Região Norte e de Roraima. Na segunda aula foi abordado o conteúdo temático do Dia da Independência, em que os alunos puderam conhecer um pouco mais sobre a História do Brasil. Na terceira aula foi trabalhado o conteúdo de falsos cognatos (O que são palavras cognatas? O que são os falsos cognatos? Quais os tipos? Quais são os mais comuns no português e no espanhol?) e a produção de um conto pelos alunos. Na quarta aula os alunos aprenderam sobre o jogo palavras-cruzadas, foram divididos em dois grupos e cada grupo produziu uma cruzadinha com falsos cognatos do português para espanhol e do espanhol para o português, como forma de fixarem o conteúdo. Na quinta e última aula houve a aplicação do TCLE e do questionário social e de aprendizagem.

ANÁLISE DOS DADOS

Foram utilizados seis textos em língua portuguesa dos alunos do PLAc-UERR, sendo um conto criado por cada um deles. A escolha desse gênero textual se deu pelo fato de ser uma narrativa curta e com certa facilidade de produção para os alunos, considerando seu nível de cansaço físico e mental e o tempo que tínhamos para nossas aulas. Nesses textos mostramos os cognatos e falsos cognatos encontrados, como estes interferiram nos enunciados, os significados das palavras e expressões tanto em português como em espanhol, apontando em qual nível estão inseridas.

Para isto utilizamos a análise contrastiva e qualitativa. A análise contrastiva, do ponto de vista lingüístico, consiste em comparar as características de duas línguas estudadas, a língua materna e a língua estrangeira, e uma de suas principais funções é mostrar quais estruturas podem causar dificuldades na aprendizagem da língua meta, a partir do conhecimento que o aluno já possui da



língua materna (DUTRA; FEDRIGO; QUIRINO, 2013, p. 3). Nesta análise, trazemos, além de dicionários e gramáticas, os estudos de Andrade Neta (2006) e Ceolin (2003).

Texto 1: “Au não sentir seu coração **latir**, pouco a pouco foi caindo”.

“Ao **recapacitar**, [ghost] viu que John estava morto.”

Texto 2: “Nas sabanas de povo de Guanipa conta **a gente** que certa hora da noite aparece uma mulher chorando.”

Nos textos 1 e 2 foram encontrados os verbos “latir” e “recapacitar” e a expressão “a gente”. O verbo latir vem do latim e significa ladrar; ganir; bater; pulsar. Anteriormente, segundo Andrade Neta (2006), ambas as definições existiam nas duas línguas, mas com o tempo, na língua portuguesa adotou-se para latir somente o significado de ladrar; ganir e para o espanhol ficou bater; pulsar. Ao lermos a frase localizada no texto 1, pela lógica entendemos o enunciado, mas ela causa certo estranhamento, pois a primeira ideia que se tem é de um ser animado que tenha como função latir (um cachorro, por exemplo), o que não é o caso do órgão coração. Ainda no texto 1, encontramos o verbo recapacitar, que em português significa “tornar-se novo física ou mentalmente capaz” e em espanhol entende-se como refletir ou meditar sobre um assunto. Ao ler a frase, o verbo causa confusão por lembrar capacitação e não reflexão, como mencionado no texto.

No trecho retirado do texto 2, bem como no texto 4 (O menino gostava de fazer piada com a gente), temos a expressão “a gente”, que em português é uma forma singular de dizer “nós”, por exemplo: “a gente vai sair de casa às 10h”. A expressão “la gente” provém do castelhano e, por ser igual à do português parece lógico que tivesse o mesmo significado. Conforme explica Ceolin (2003, p. 40), “o castelhano la gente é equivalente

ao português as pessoas, (port. erudito as gentes); enquanto que a expressão portuguesa a gente é equivalente ao espanhol nosotros (...) já que o sujeito enunciante é parte integrante do sujeito enunciado”. Nesse sentido, ao observarmos algumas falas de alunos venezuelanos, verificamos que ao utilizarem a expressão “a gente”, o fazem para se referir a terceiros: “A gente não sabe o que passamos na Venezuela”, querendo dizer “as pessoas não sabem o que passamos na Venezuela”. Com isso, quando os aprendizes de português escutam brasileiros dizendo “a gente” inferem que estes estão se referindo a muitas pessoas e não a “nós”.

Assim, os verbos “latir” e “recapacitar” e a expressão “a gente” configuram casos de falsos cognatos (ou falsos amigos), pois são palavras que possuem grafia e pronúncia semelhantes, mas que diferem de significado de uma língua para outra.

Texto 3: “João Hilario vai a sair de férias e fala a **seu mulher**”.

Texto 4: “Assim, acabou **a costume** de Pedro de fazer piadas sobre lobos”.

Nos trechos retirados dos textos 3 e 4, observamos dois casos de cognatos heterogênicos, pois o possessivo “seu” e o substantivo “costume” são masculinos em português, assim temos expressões e frases do tipo: “seu filho”, “seu carro”, “o costume dela era acordar cedo”, “ele tinha o costume de sair de tarde”. No espanhol, a forma utilizada é “su⁶”, que é um determinante possessivo de terceira pessoa, singular e plural (sus) e é utilizada tanto para feminino como para o masculino, dessa forma, são construídas frases como: “su casa es muy bella”, “sus zapatos están sucios”. Assim, quando os aprendizes de português vão se referir aos possessivos nesta língua, tendem a utilizar a forma do espanhol, mesmo já tendo conhecimento que em português existe uma forma para o feminino (sua) quanto para

6 Dicionário Vox da Língua Espanhola: Edição monolíngue com tradução. Editora: Escala Educacional, 2006.



o masculino (seu), causando inadequação nos enunciados. Já a palavra *costume*, em português é masculina (o *costume*) e em espanhol é feminina (la *costumbre*), pois algumas palavras terminadas em *-umbre* levam artigo feminino. Com isso, é possível afirmar que, ao traduzirem os sintagmas para o português, os hispanos falantes aplicam a mesma regra de gênero da sua língua materna, por isso é comum ver traduções como: “o *mensaje*” (espanhol: *el mensaje*) e não “a *mensagem*”, a *sangue* (la *sangre*) em vez de “o *sangue*”.

Texto 3: “São as 12 horas e João Hilario vai a sair de férias.”

Texto 5: “O próximo dia eles chegarão em uma ilha”.

Nos trechos citados, encontramos, conforme Andrade Neta (2006), casos de cognatos de nível morfossintático. No primeiro caso, no texto 3, temos a frase “são as 12 horas”, na qual observamos a presença do artigo definido “as” antes das horas. Segundo a autora, colocar o artigo feminino para indicar horas é uma marca obrigatória no espanhol, assim a interferência se dá no momento em que o aluno venezuelano traz essa marca para o português, que não a tem como regra, ou seja, para informarmos as horas em português dizemos “são 12 horas”, sem artigo.

Ainda no mesmo trecho, verificamos a perífrase “vai a sair”, que⁷ é utilizada para apresentarmos um feito futuro como resultado lógico do que sabemos no presente, assim a utilizamos para adivinhar ou perguntar por um futuro que consideramos evidente, por exemplo, se vemos uma pessoa se arrumando toda, logo concluímos que ela vai sair. A confusão se dá porque a perífrase existe tanto em espanhol quanto em português, sendo que em espanhol é formada pelo verbo *ir* no presente do indicativo mais a preposição “a”, mais o infinitivo presente do verbo principal, assim: *va a salir*. Em

português, essa estrutura, segundo Ceolin (2003), é chamada de futuro próximo e é formada somente pelo verbo *ir* (presente do indicativo) mais o infinitivo presente do verbo principal, por exemplo: *vai sair*.

No nível morfossintático encontramos ainda a frase descrita no texto 5 “O próximo dia eles chegarão em uma ilha”, em que observamos a utilização de “o” no lugar de “no”. Caso essa frase fosse pronunciada em espanhol seria “*el próximo día llegaron en una isla*”, logo, inferimos que o hispano falante traduziu “*el*” por “o”. Mas em português deve-se utilizar a contração formada pela preposição “em” seguida de “o”, que resulta em “no” e que é comumente utilizada nesse caso.

Texto 1: “sua irmã maior foi morta por uma **lanza**”; “lobo **zinja**”; “ ele [John] junto a ghost pegaram **venganza**”.

Texto 4: “ficavam com **raiba** de pedro”; “gritava com **tudas** suas forças”; “mas o animal acabou com **tudos** os animais”.

Nos textos 1 e 4 encontramos algumas palavras que mostram casos de cognatos do nível fonético-fonológico, nas quais observamos a utilização de “z” em vez de “c” ou “ç”, nas palavras “lanza” (lança), “zinja” (cinza) e “venganza” (vingança). De acordo com Andrade Neta (2006), isto ocorre pelo fato de que em espanhol as letras “z” “c” seguidas de “e” ou “i” são pronunciadas como interdentais surdas. Já em português, a letra “z” se pronuncia como uma fricativa alveolar sonora, e a letra “c” seguida de “e” ou “i” se pronuncia como fricativa, alveolar, surda.

No texto 4 temos o caso comum da inversão de “v” por “b”, “raiba” (raiva), que, como dito anteriormente, segundo Andrade Neta (2006), em português a letra “v” se diferencia da letra “b” foneticamente, ao contrário do espanhol, em que tanto o “v” como o “b” constituem um fonema bilabial sonoro (com um alofone fricativo em

7 Gramática básica del estudiante de español. Difusión, 2009. (tradução nossa)



posição intervocálica), já em português a letra "b" é uma bilabial sonora e a letra "v" é uma labiodental sonora. No mesmo texto encontramos ainda a utilização de "u" no lugar de "o" nas palavras "tudos" e "tudas" (todos e todas). "Todo" é a forma em espanhol, em português é "tudo", mas "todos" e "todas" não mudam de uma língua para outra, permanecem iguais na grafia, na pronúncia e no significado. O que ocorre neste caso é que houve o mesmo entendimento para todas as formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tratamos de língua estrangeira (LE) e segunda língua (L2), aprendizagem e aquisição, cognatos e falsos cognatos. Com o objetivo de analisar a interferência de cognatos e falsos cognatos na produção textual em língua portuguesa por alunos venezuelanos, retiramos alguns trechos de cinco dos seis textos escritos por alunos do curso PLAc da UERR, de modo a identificar a presença de cognatos e falsos cognatos nessas produções textuais; mostrar em qual nível essas palavras estão inseridas; e apresentar os significados dessas palavras em português e em espanhol.

A maioria das ocorrências identificadas se deu nos níveis lexical, morfossintático e fonético-fonológico. Observamos que no nível lexical estão inseridos os falsos cognatos, que são nomeados como heterossemânticos muitas vezes, embora o significado de ambos os termos seja igual, e que neste nível não existem apenas palavras isoladas, como também expressões, como o caso de "a gente". Ainda neste nível notamos alguns casos de heterogenéricos, em que percebemos a constante tradução ao pé da letra para os gêneros em espanhol e em português, sendo que em muitos casos quando é masculino em espanhol é feminino em português e vice-versa.

No nível morfossintático, encontramos os casos do artigo para indicar horas, a perífrase

que existe em ambas as línguas, mas que são diferidas pela preposição (que só tem em espanhol) e o artigo no início no lugar da contração "no" comum no português. Ou seja, itens comuns e obrigatórios na língua espanhola que os falantes transferem para o português e em contexto de escrita. No nível fonético-fonológico identificamos um caso comum tanto para brasileiros aprendizes de espanhol quanto para venezuelanos aprendizes de português, que é a troca de "v" por "b"; e um caso de substituição das vogais "o" e "u". Isto mostra que os aprendizes recorrem ao som mais familiar ou que pareça mais lógico de se pronunciar.

Essa análise nos permite concluir que no ensino de português para imigrantes, a questão dos cognatos e dos falsos cognatos deve ser vista com mais conteúdo, não apenas mostrando os casos através de listas, como geralmente acontece. Nesse processo seria excelente que o assunto fosse abordado de maneira mais acentuada nos materiais didáticos, mostrando as origens das duas línguas e os processos (morfológico, fonológico, etc.) pelos quais ambas passaram em sua formação, de forma a não apresentar apenas um contexto histórico, mas mostrar também os níveis em que os cognatos e falsos cognatos ocorrem para que assim se torne menos tortuoso o caminho do aprendiz na nova língua.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de, (Org.). **Competências de Aprendizes e Professores de línguas** / José Carlos Paes de Almeida Filho (Org.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- ANDRADE NETA, Nair Floresta (2006). In: **Aprender español es fácil porque hablo portugués: ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español**. Disponível em: http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html Acesso em: 30.01.2019.
- BARALO, M. (1999). **La adquisición del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco



Libros S.L, [p.22-34].

CEOLIN, Roberto. **Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano**. In: Revista Philologica Românica, 2003.

COSTA; TAÑO, Erick; Renata. **Ensino de português como língua de acolhimento a imigrantes e refugiados em São Paulo**. Revista CBTECLE, São Paulo, v.1, n.2, nov. 2017. Disponível em: <https://cbtecle.com.br/revista/index.php/CBTECLE/article/view/66> Acesso em: 19 jan. 2019.

DUTRA; FEDRIGO; QUIRINO, Fabiana Alves; Fernanda Borges; Ívina. **ESQUISITO OU EXQUISITO?: os falsos cognatos entre o Português e o Espanhol**. Revista Eletrônica de Letras, Unifa-Cef. v. 6, n. 1 (2013): REL Edição 06 - (Janeiro-Dezembro 2013). Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rel/issue/view/89> Acesso em 26 jan. 2019.

FERREIRA, Itacira A. Português/espanhol – fronteiras lingüísticas que devem ser delimitadas. In: Maria Jandyra Cavalcanti Cunha, Percília Santos (organizadoras). **Tópicos em Português Língua Estrangeira** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 141-156.

MOTA, Fabrício Paiva. **Contato linguístico na fronteira Brasil/Venezuela: produções textuais de hispanos aprendizes de PLE**. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Língua e Cultura Regional) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR.

SABINO, Marilei Amadeu. **Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática**. Alfa, São Paulo, 50 (2): 251-263, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/107229> Acesso em: 09 nov. 2018.

SANTOS GARGALLO, Isabel (1999). **Lingüística aplicada a la enseñanza del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco Libros S. L, [p. 19-30].

SANTOS SILVA, Maria Goreth dos. **Português como língua estrangeira: o fazer intercultural nas aulas de LE**. In: I Congresso Nacional de

Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras, 2009. Anais. Bahia: Conlire, 2009, p. 01-09.

SILVA, Sofia Cristina Gomes da. **Os falsos amigos no ensino do PLNM: interferências decorrentes da proximidade lingüística**. Universidade Aberta, 2013. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3408> Acessado em: 19 jan. 2019.

SCHÜTZ, Ricardo. **"Interlíngua e Fossilização" English Made in Brazil**. Fonte: English Made in Brazil - <https://www.sk.com.br/sk-interfoss.html> Acessado em (24 jan. 2019).

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. **Experiências de ensino de Português como Língua não Materna em contextos de fronteira e imigração em Roraima**. In: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2018. Anais da XIII JNLFLP. Revista Philologus, Ano 24, Nº 72. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2018.